

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

CAMILLE ESTEVES DE MELO
DRE 114079339

O CORPO DA MULHER NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Rio de Janeiro

2023

CAMILLE ESTEVES DE MELO

DRE 114079339

O Corpo Da Mulher Na Literatura Infantil E Juvenil

Monografia apresentada ao curso de Graduação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como
requisito para obtenção do título de licenciatura em
Português-Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Crelia Dias

Rio de Janeiro

2023

CAMILLE ESTEVES DE MELO
DRE 114079339

O CORPO DA MULHER NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Graduação em Letras apresentado a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Aprovado em:

Profa. Ana Crelia Dias

Data

Profa. Márcia Sepúlveda do Vale

Data

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos. A Nossa Senhora das Graças, por mais uma graça alcançada em minha vida.

Aos meus pais, principalmente a minha amada mãe Maria Luiza, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar como o corpo feminino tem sido representado na literatura infantil e juvenil por meio das obras, Sapato de Salto, da autoria de Lygia Bojunga, e Sol, Lua e Tália, de Giambattista Basile. A pesquisa mostra como o corpo feminino se mostra sujeito e objeto sempre presente na narrativa e os desdobramentos ideológicos que dessa presença advêm, por exemplo, os processos de legitimação ou questionamento de padrões estereotipados de beleza física. Além disso, é feita a análise das personagens femininas (Sabrina) da obra “Sapato de Salto”, e (Tália) da obra “Sol, Lua e Tália” a partir de postulados acerca da posição da mulher/menina nas obras literárias e o reflexo da família e da escola na formação de personalidade.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
2. Referencial Teórico	3
2.1. A Figura Feminina na Literatura	3
3. Estereótipos Femininos e Seus Impactos na Literatura Infantil.....	4
3.1. As Relações De Gênero Expressas Na Literatura	7
4. Conclusão	9
5. Considerações Finais	12
6. Referências	14

O CORPO DA MULHER NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

1. INTRODUÇÃO

O corpo, principalmente o corpo feminino, vive desde sempre uma formação contraditória nos processos históricos, ideológicos e sociais. Há momentos em que o corpo deve ser velado, silenciado, não deve ser visto, não deve ser exposto; em outros, há o aumento da nudez, da exposição maior em diferentes mídias.

Este trabalho discute a representação da erotização e hiperssexualização do corpo da mulher na infância na Literatura Infantil e Juvenil, a partir das obras “*Sapato de Salto*”, publicado em 2006, da escritora Lygia Bojunga e “*Sol, Lua e Tália*”, de Giambattista Basile, obra de 1634. Nesse sentido, as obras levam a pensar sobre uma cultura do estupro presente na sociedade e reafirmada pelas mídias, mostrando as crianças uma construção erotizada dos seus corpos e no comportamento adultizado. Assim, as obras trazem a representação da sociedade patriarcal, denunciando um comportamento perverso e aborda temas da nossa sociedade, despidos do discurso moralista e utilitário.

O modelo padrão de criança vítima, pura e inocente é desconstruído a partir das histórias, que fazem surgir personagens sofredoras, complexas, inteligentes, questionadoras, que conseguem encontrar soluções para os problemas e buscam saídas para seus conflitos. Lembrando que ambas personagens principais são vistas como adolescentes ou seja, não passaram para fase adulta, pelo simples fato de não ter seu primeiro ciclo menstrual.

As relações de gênero em obras de literatura infanto-juvenil apresentam-se de modo acentuado e diferenciado, uma vez que, são as crianças e os adolescentes que mais sofrem com as transformações que ocorrem com o próprio corpo. Considerando-se que gênero é um constructo teórico que representa os modos de ser característicos de cada sexo, torna-se relevante refletir sobre a formação da identidade de gênero e suas representações espaciais e culturais.

Em se tratando de Sapato de Salto, a desmitificação, a princípio, se dá: por tratar de temas tabus da sociedade, livre do discurso moralista e limitado da burguesia dominante; por retratar realidades opostas ao que se tem nos contos de fadas; por dar voz ao mundo infanto juvenil, retratando os dramas, as realidades e também as belezas que compõem os personagens do livro.

A literatura não deve ter um caráter pedagógico, mas humanizador. Já que “a literatura não corrompe nem edifica (...) mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85). Por meio da fala de Candido podemos entender que, ao lermos uma obra literária, é possível vivenciar, por meio da ficção, eventos que ocorrem, tais quais na realidade, ou bem próximo daquilo que podemos experimentar enquanto seres humanos, ou, ainda, pode levar o leitor para o insólito, ou seja, para uma realidade divergente daquela que é comum para ele, despertando-o, assim, para uma reflexão mais profunda.

Independentemente de ter conquistado certo espaço, a figura feminina ainda continua em desvantagem em relação ao gênero masculino o mesmo acontece com a criança, por ser frágil e pequena: “Se a mulher ocupou por muito tempo um lugar secundário na hierarquia social, o mesmo se pode afirmar da criança” (ZINANI, 2015a, p. 22). Dessa forma, a mulher e a criança apresentam uma certa equivalência de inferioridade na situação social, ou seja, assemelham-se na submissão, aspecto também referente a Sabrina, personagem da obra de Lygia Bojunga, que, mesmo sendo criança, depara-se com situações imprevistas do mundo adulto.

Com isso, essa pesquisa busca contribuir para a compreensão do mundo infantil na sociedade contemporânea a partir das reflexões sobre uma cultura do estupro que se faz presente na sociedade, impondo a hiper sexualização e erotização de crianças e adolescentes, fazendo com que os casos de abuso sexual nessa fase da vida se naturalizem.

Assim, percebe-se que a pedofilia da infância é uma triste realidade com a qual a sociedade contemporânea convive, por isso, não pode mais ser tratada como tabu, devendo ser discutida amplamente, buscando a reflexão sobre como proteger a infância, uma fase que deve ser aproveitada com educação, brincadeiras, fantasia e diversão. Por essa razão, questões como essa precisam ser tratadas com sensibilidade e que a temática da cultura do estupro e da erotização da infância possa desconstruir os tabus da sociedade, estimulando a discussão sobre a pedofilia e a prostituição infantil.

Dessa forma utilizando-se da literatura para compreender como ocorre a erotização da infância influenciada pelas mídias na pós-modernidade, busca-se evidenciar uma sociedade que internaliza ideias estimuladas pela cultura do estupro, por exemplo, culpando a vítima pelo abuso sexual sofrido. Contudo, é evidente que a culpa pelo estupro

não é da vítima e que os agressores sexuais estão inseridos em uma cultura que naturaliza o estupro e favorece a prática desse crime.

Partindo desses pontos de vista, analisa-se nas obras citadas, como se materializam na no corpo feminino, os sentidos de violência em que a mulher é subtraída à vontade, o desejo, sendo levada, pelas condições de violência, a uma realidade que a coloca à mercê da própria sorte.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A FIGURA FEMININA NA LITERATURA

A presença feminina no mundo literário começou muito antes da mulher surgir como profissional e se tornar economicamente independente. Tendo em vista que, inicialmente, os escritores da época sempre valorizaram a habilidade física e a inocência feminina. Esses aspectos que aparecem em diversos textos literários, estão estritamente relacionados à convivência das pessoas na sociedade daquela época. Isso coloca as mulheres em uma posição limitada para cuidar dos filhos e da casa e satisfazer as necessidades de seus esposos.

Deste modo, pode-se inferir a representação de personagens femininas na literatura pode revelar os traços da “ideologia de gênero”, que reforça o papel social da mulher em posição inferior e populariza o discurso de que a mulher é naturalmente dependente do homem ao longo da história da humanidade. As relações sexuais, amplamente compreendidas como uma construção cultural, são relações hierárquicas entre homens e mulheres. E que, conseqüentemente, apoia essa cultura de dominação (JACOMEL; PAGOTO,2000).

A imagem da mulher na literatura é produto do ambiente em que foi escrita. É uma arte que existe na base cultural da sociedade e tem grande influência. Por isso, é responsável por disseminar patrimônios sociais e culturais por gerações, como o machismo e o feminismo. Diante deste contexto, compreende-se que a literatura e a história compartilham ideias comuns, seja enfatizando o quadro de referência real, seja enfatizando o ideal; ambos importantes em seu papel de espelhos da realidade neste espaço as personagens femininas podem mostrar como o caminho foi percorrido (NASCIMENTO et al.,2016). Ademais, ainda segundo postulado por Nascimento et al. (2016), a literatura por meio de sua linguagem, contribui para uma certa

mudança no pensamento dos leitores ao retratar e recriar as realidades do nosso meio, inclusive a desigualdade de gênero. As línguas mudam continuamente à medida que a sociedade muda. Além de estar inserido na dimensão social, é também um edifício social.

Importa citar que, a feminilidade é uma tradição gravada em vários discursos que a caracterizam e normalizam por meio de critérios culturais e sociais historicamente determinados. Assim, esses discursos, majoritariamente, masculinos sobre as mulheres também são legitimados na esfera política, definindo os limites de ação de cada sexo e gênero (GALLAS et al., 2020)

Bolten (2019), postula que essas subjetividades nascem na dimensão cultural, a partir das representações formadas pelos discursos. Nesse sentido, os discursos sempre convidam os sujeitos a determinadas posições. Assim, a análise do discurso uma ferramenta importante quando se entende que a linguagem define significados históricos que são constantemente contestados por grupos sociais e também produz silenciamento.

3. ESTEREÓTIPOS FEMININOS E SEUS IMPACTOS NA LITERATURA INFANTIL

Quando nos deparamos com os textos literários podemos identificar que algumas personagens são apresentadas através da idealização ou conceituação do senso comum, pois, segundo AGAPTO (2022), as representações de gênero são expostas por meio da trama, desde a sequência dos acontecimentos, as roupas, suas cores, as habilidades dadas aos personagens, por meio da gestualidade, ou seja, do uso da linguagem verbal ou não verbal, como bem como nas relações sociais criadas entre protagonistas, antagonistas e outros personagens em histórias infantis, por exemplo. Conforme pontua Eagleton (2017, p.47): “Os estereótipos reduzem as pessoas a categorias gerais, ao passo que os tipos preservam suas individualidades, mas lhes fornecem um contexto maior.”. Corroborando com esse entendimento Louro (2008, p. 24) os “papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrarias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar”.

Diante desse contexto, alguns aspectos são estereotipados na intenção de se causar uma dada familiaridade acerca do conhecimento prévio do leitor. Em se tratando da Literatura no universo infantil, importa citar como ocorre em relação ao processo e efeito posterior das fontes

literárias na literatura infantil, é compreensível que a influência estrangeira tenha perdurado por muito tempo e as fontes. As histórias escritas foram apresentadas ao povo em sua forma original, e em cada região houve mudanças nas histórias folclóricas transmitidas pelos povos da Europa. Com o tempo eles apareceram traduções de livros, lembrando que os primeiros livros que passaram pela escola na sociedade burguesa eram de influência estrangeira. Portanto, a introdução de livros nacionais e de tradução da região brasileira foi adiada (ARAÚJO et al.,2016).

Neste cerne, conforme pontuado por Araújo et al. (2016), em meados dos séculos XVII o ensino de Literatura nas escolas apresentava-se fazendo uso dos grandes clássicos da Literatura e com isso evidenciava-se que a maioria das leituras recitadas para as crianças nas escolas naquele período eram inadequadas para a idade da juventude e eram traduzidas de fontes estrangeiras, como os clássicos. Os Lusíadas de Camões, por exemplo, é considerado uma leitura difícil para crianças, durante o período de transição do Brasil, mas as crianças aprenderam esse conteúdo de leitura escolar apenas de forma utilitária. A linguagem era complicada e não era fácil interpretar textos em uma língua completamente estrangeira. Estas leituras obrigatórias na escola não eram consideradas agradáveis para o público, mas exigiam leitura.

Ademais, segundo pontuado por Arroyo (1968), o gosto que a literatura infantil permite aos leitores mirins, e só então deve ser utilizada como ferramenta para ensinar valores para alimentá-los. Embora saibamos que a tarefa da educação não deve incidir apenas na escola, mas sobretudo, o papel de educar os filhos deve ser cumprido pela família. O autor nos apresenta como a leitura de um livro infantil deve ser encarada, portanto, como algo que traz muita alegria e imaginação para as crianças. Vemos que a literatura infantil originalmente surgiu no ambiente escolar apenas como um meio de orientar as crianças, aplicando os valores estabelecidos na época dos séculos XVII e XIX.

Seguindo esse entendimento de introdução literária no contexto e ambiente escolar, importa citar que temos exemplos de alguns autores que foram os percussores em direcionar suas obras para esse público, dentre eles pode-se listar: Homero, Giovanni Battista Basile, La Fontaine, Charles Perrault, Comenius, Fénelon, Grimm, H.C. Andersen, Lewis Carroll, Monteiro Lobato, Zalina Rolim, Luís Bartolomeu de Sousa e Silva.

Vemos como esses escritores foram importantes na preservação dos contos de fadas na tradição oral e escrita do livro, e que muitas das obras citadas foram traduzidas e adaptadas para

as telas do cinema e da televisão, mantendo viva a história popular. Transmitido de geração em geração de forma revisada ou revisada, os contos de fadas, contos de fada e outros gêneros literários, mesmo tão antigos, hoje atraem a todos, Príncipe” de Saint-Exupéry (1943), escrito para crianças e adolescentes, é amplamente lido e citado por adultos. Isso nos mostra a persistência de histórias que, mesmo com diferentes adaptações e novas versões ao longo do tempo, atraem o público, seja ele leitor ou telespectador.

Enfatiza-se que o presente trabalho se detenha em discorrer acerca dos aspectos da figura feminina sendo sensualizada no universo literário infantil, é relevante mencionar a trajetória literária em sua gênese, pois fora com a introdução dos primeiros contos infantis que com o passar do tempo diversas adaptações foram sendo realizadas, com o intuito de personificar que seja consciente ou inconscientemente as idealizações sociedade em torno da figura feminina.

As histórias infantis trazem as qualidades pretendidas nos contos de fadas. Algumas histórias apresentam personagens mitológicos em geral, simbolizando o materialismo, a conquista socioeconômica individual por meio do poder. Mas há personagens que representam a compreensão interior que o amor simboliza. Sabemos que as histórias foram transmitidas oralmente e que as histórias se espalharam por muitas regiões e em diferentes versões, por isso são de origem oriental e celta e difundidas antes do século XVII.

Conforme Coelho (2012), observa-se que a fada assume uma posição comum nos contos de fadas, pois, simbolizam poderes sobrenaturais quando vistas encarnação espiritual e também são seres iluminados, mas também estão presentes na desvantagem de que quando eles se rebelam contra os humanos, quando são esquecidos, eles se tornam criaturas malignas em comparação às bruxas. Podemos admitir que a dualidade sempre existe, ou seja, as fadas são boas em seu lado positivo e ruins em seu lado negativo. As fadas nas histórias infantis geralmente são retratadas como seres divinos, mulheres boas e bonitas com poderes sobrenaturais. Ela ajuda as pessoas em situações difíceis, e essa criatura mágica usa uma varinha mágica para realizar os desejos dos heróis. Desta forma, as fadas são apresentadas em sua forma positiva. No entanto, a bruxa é apresentada de forma negativa, revela-se uma figura diabólica.

A bruxa é sempre retratada nos contos de fadas como uma mulher velha, feia, rude e má. Ela é o vilão da história e fará de tudo para impedir o herói de tentar superar os obstáculos. É importante notar que as fadas são sempre apresentadas como boas criaturas e que para ajudar

as pessoas, mas também é preciso entender o outro lado do gênio, que quando ele está chateado com algo que é demais para sua missão, ele mostra sua cara de desilusão para a mulher má.

Segundo Coelho (2012), as fadas se manifestam por meio de múltiplas personalidades. A provável origem é que essas criaturas apareceram na imaginação de pessoas em vários países europeus durante séculos. As fadas são retratadas como mulheres divinas com poderes sobrenaturais. E continuam encantando adultos e crianças com seu poder cativante de ajudar as pessoas. Mas as fadas às vezes podem encarnar uma mulher que representa o bem, outras vezes ela pode encarnar o mal. Depende do que está acontecendo dentro de você e das ações que determinam esses conflitos internos e externos. No entanto, sabemos que as fadas desempenham um papel importante nas histórias infantis e continuam a fascinar a todos. A fada ainda tem um papel importante na literatura e principalmente nas histórias tradicionais que sobrevivem, embora com novas mudanças, quer no meio literário, quer no meio mediático, como o cinema, a televisão, mas essas histórias despertam nos nossos leitores, emoções e importantes aprendizagens para a vida pessoal e escolar.

3.1 AS RELAÇÕES DE GÊNERO EXPRESSAS NA LITERATURA

Atualmente, crianças e jovens leitores têm a oportunidade de ter contato com obras literárias que trazem reflexões sobre temas que estão no centro da vida social. Nesse sentido, leitores privilegiados, ao lidar com o ficcional e o imaginário, deixam-se conhecer por histórias que potencializam a abertura de novas visões de mundo, que se articulam como atualização necessária para a formação de homens e mulheres, sem um personagem panfletário (CARNEIRO et al.,2021).

Neste cerne, compreende-se que conforme postulado por Candido (2002), a literatura muitas vezes pode levar o leitor a refletir e questionar certos aspectos sociais de sua própria realidade, que podem se refletir em uma obra. Dessa forma, a literatura pode, ainda que involuntariamente, desempenhar um papel na expansão das visões de mundo e configurações de uma determinada sociedade e intervir para sensibilizar o leitor para questões sociais particulares. Nessa perspectiva, o elemento contextual da produção do texto literário não é apenas uma projeção da vida social, mas um elemento constitutivo no engendramento do texto que, portanto, permite uma experiência literária que converge com o caráter humanista, que faz

com que o leitor tenha uma visão de mundo independente, em torno dos temas figurados na literatura.

Sendo assim, ao relacionarmos as questões de gênero expressas em textos literários a de se identificar que padrões aceitos e praticados na sociedade vão sendo moldados e/ou rotulados a partir de concepções que se enquadram dentro machismo ou feminismo, por exemplo.

O conceito de gênero refere-se à contínua construção sociocultural de múltiplas formas de ser homem e mulher. Assim, o gênero é um fator constituinte de uma subjetividade plural, diversa e que se modifica por meio das mais diversas práticas sociais Louro (1995, p. 103) aponta que, ao pensarmos na concepção de gênero, devemos considerar:

[...] não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "generificadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos.

Neste cerne, a literatura infantil é uma das arenas onde os objetos culturais são produzidos, onde os significados de masculinidade e feminilidade aparecem ao representar o corpo, o gênero e a sexualidade. É muito importante que as personagens femininas dos livros infantis sejam desenhadas de forma antissexista e promotora da igualdade de gênero, ampliando assim o repertório infantil de ser mulher. É imperativo que as crianças entendam que as mulheres são diferentes e devem ter escolhas iguais em diferentes espaços sociais (BOLTEN,2019).

Ademais, Bolten (2019) pontua que para representar mulheres que não reproduzem estereótipos de aparência e comportamento, a indústria literária tem explorado cada vez mais de obras destinadas a crianças e jovens. Obviamente, é crescente o número de livros que visam ampliar o leque de representações que lhe conferem outros significados socialmente feminino. Assim, uma das constantes desse movimento é o desenvolvimento de publicações que valorizem mulheres inspiradoras e reais, históricas e contemporâneas.

CONCLUSÃO

A personagem feminina, na maioria das vezes, é descrita nas narrativas através de seus aspectos e caracteres físicos como se fosse uma forma de facilitar ao leitor a idealização e/ou personificação desse personagem. Em contos infantis identificasse essa descrição, tomasse por exemplo no presente trabalho o conto “Sol, Lua e Tália”, de Giambattista Basile.

O conto é uma história com uma estrutura semelhante à mais conhecida A bela adormecida, com a principal diferença que a maior parte da trama e o clímax do primeiro se concentra na princesa após o feitiço que mantém a princesa adormecida ser quebrado. A personagem principal Tália não é vítima de nenhuma maldição, pelo contrário, seu destino parece ser simplesmente fruto do azar. Além disso, essa história parece ser baseada na sorte e no acaso, como vemos em outros pontos. Após o nascimento de sua filha, o rei convoca sábios e adivinhos, que concluem que Tália corre grande perigo de vida. Apesar de todos os esforços do rei para impedir que materiais nocivos entrem na casa de sua filha, um dia, movida pela curiosidade, a menina cumpre seu destino com a roca de uma velha linha perto do castelo, se você prender um pedaço a um prego, cairá morto no chão. O rei, depois de "chorar uma gota de lágrimas", coloca a filha em uma poltrona de veludo e sai de casa "para apagar completamente de sua memória o infortúnio que se abateu sobre ela”.

Nesse momento, entendemos que o pai está tentando livrar a filha de um destino fatal, mas não consegue cumprir sua missão, e ao ver que a profecia se cumpriu, ele se isola em sua dor e sai do quarto ao palácio, deixando a filha à mercê do perigo. Vimos que a presença dos adivinhos está relacionada aos oráculos da mitologia grega: eles realizam a revelação do destino dos heróis. Nesse contexto, não foi uma bruxa má que amaldiçoou. Uma velha que fia também não é considerada uma mulher má, pois, segundo a mitologia grega, essas mulheres eram responsáveis por fazer, tecer e cortar o fio da vida.

Em outro ponto da história, outro rei aparece. É um caçador, e um dia quando estava caçando, ele chega ao castelo para procurar seu falcão e encontra Tália. O rei tenta acordá-la, gosta dela e a explora. O conto coloca este ponto metaforicamente: "Ele colheu dela os frutos do amor", então ele foi e se esqueceu dele. Nove meses após o incidente, Tália colhe os frutos de seu amor, dando à luz dois filhos, um menino e uma menina chamados Sol e Lua. Essas crianças são cruciais para trazer Tália de volta à vida. Duas fadas aparecem no palácio e ajudam os bebês a encontrar o seio da mãe, sendo que um dos bebês tenta sugar o mamilo de Tália e acaba chupando um dedo contendo um pedaço de linho e traz a mãe de volta à vida. Aqui vemos

um desabrochar na maternidade, uma saída da imaturidade para a maturidade. Também representa o simbolismo do renascimento da vida.

A narrativa apresenta um discurso implícito em sua trajetória, o que permite estabelecer algumas considerações acerca da figura feminina. A personagem principal da trama, Tália, é vítima de diversas situações de abandono, exploração e culpa de feitos nos quais fora apenas vítima. Sua vida não se configura como um conto de fadas real, apesar de terem momentos que foram suprimidos da verdadeira realidade dos fatos. A narrativa tenta abordar sob um aspecto de mimese, ou seja, de personificar o verossímil. Em outras palavras, podemos mencionar que o autor romantizou uma realidade sofrida e dolorida para a vida de Tália.

Em outro ponto da história temos a esposa legítima do rei chamada Medéia. Ela descobre que seu marido a traiu e teve dois filhos fora do casamento. E com base nessa descoberta, ela busca vingança contra o rei assassinando seu amante e filhos. Esse momento da história lembra a personagem Medéia da mitologia grega, que, assim como a esposa do rei, também é traída e busca vingança. A grega Medéia é uma bruxa que se apaixona por Jasão e faz de tudo para ajudar seu amante, apenas para ser substituída por outra mulher mais jovem. Medéia, uma grega, planeja matar a princesa e impedi-la de se casar com seu marido, e se vinga matando a princesa. No entanto, para ferir o coração de sua amada, ele também mata seus próprios filhos, completando assim sua vingança. Na história de Basile, Medeia tenta diversas vezes matar Tália e seus filhos, mas é impedida pelo rei. A história termina com a mulher perversa sendo queimada na fogueira e o rei se casando com Tália e eles vivem felizes para sempre.

O enredo da história começa como se tudo estivesse dando errado, com a desgraça do personagem principal, mas termina com um final feliz e o infeliz fica feliz. Vemos que a aliança entre Tália e o rei surgiu primeiro por causa do abuso. Só mais tarde o rei desenvolveu sentimentos e desejo de viver com ela. O rei que tem o primeiro contato com Tália, foi apenas através do desejo sexual.

Neste cerne, apesar de ser dado um contexto de romantização no desfecho da trama, percebe-se aqui outros discursos morais e éticos de forma implícita no texto. Pois fica evidenciado através de uma leitura mais intimista de que Tália não teve a oportunidade de viver uma infância comum como as outras crianças, fruto do protecionismo exacerbado de seu pai. Conforme se evidencia na narrativa, seu pai sempre procurou-lhe livrar de um perigo eminente.

No decorrer da trama não são descritos os traços da personalidade de Tália, nem tão pouco outros aspectos característicos.

A sua adolescência fora apagada pelo período de sono e solidão. Segundo as considerações de Araújo (2016) a adolescência é uma fase passageira, pois é a transição da infância para a juventude ainda imatura e que passa por muitas mudanças, como a puberdade. Nesse processo você deve se preparar para entender as mudanças que aconteceram em relação a você tenta entender seu eu interior e controlar seus impulsos. E nesse período Tália esteve dormindo.

De Souza (2013), destaca acerca da menção realizada no conto acerca da beleza da personagem principal que embora faça parte do título da história, nem sequer é mencionado no conto italiano, exceto por uma passagem em que o narrador diz que o rei, ao encontrar Tália adormecida, ficou “arrebataado com aquela beleza”. Ainda segundo a autora, na narrativa observa-se aspectos que estão completamente distantes dos valores cristãos preservados em outras versões mais recentes, por exemplo, o fato de que o assunto deste romance não é gira em torno do sonho da princesa, mas nos traz questionamentos sobre o abuso sexual, já que Tália desconhecia o ato do qual fazia parte. Temos também o adultério do rei, juntos a "amante" Tália de quem a esposa do rei queria se vingar, e também temos o comportamento canibal de Medeia que mandava cozinhar os filhos do rei, para ela poder comê-los, mesmo ela tendo falhado nesse plano que não aconteceu.

Os pressupostos morais merecem ser lavados em discussão, pois, considerando que o conto de Basile: Sol, Lua e Tália, apresenta uma moral muito controversa, pois traz à tona temas como o abandono, o estupro, a traição, o canibalismo, além de advogar o êxito por sorte e não por merecimento. Tais colocações são evidenciadas em diversos fragmentos do texto. Como quando Tália enfia o dedo em um pedaço de linho e cai morta no chão, seu pai simplesmente a deixa em casa na mata e vai embora, querendo esquecer o que aconteceu.

Outro momento é o estupro, velado pela narrativa do autor conforme o seguinte extrato:

“Mas, como ela não voltava a si por mais que fizesse e gritasse, e, ao mesmo tempo, tendo ficado excitado por aquela beleza, carregou-a para um leito e colheu dela os frutos do amor, e, deixando-a estendida, voltou ao seu reino, onde por um longo tempo não se recordou mais daquele assunto.”

Nesse excerto do texto evidencia-se a questão do machismo, pois o rei abusou da condição de Tália, configurando-se como uma prática de estupro num momento de

vulnerabilidade. E ao trazermos a presente cena para a realidade, podemos perceber que existe implícita na narrativa de Basile uma crítica que dialoga com os dias atuais. Conforme bem pontuado por Bolten (2019), diante desses fatores, vemos que a história de Basile é mais real do que fantasiosa, e nos mostra que a já madura Tália está pronta para o casamento com um rei, embora o ato seja realizado antes de qualquer ligação emocional, são formados. Tália, antes submissa ao pai, agora é submissa ao rei, seu marido. E no final da história da heroína, o rei e seus filhos vivem felizes para sempre.

Diante das colocações postas em torno do enredo e seu desfecho na narrativa, a personagem Tália fora vítima em diversas situações em toda a trama. Mas que ao final de sua trajetória se perpetua num discurso de praxe o “felizes para sempre. Entretanto, em Sapato de salto, os dois vão viver juntos na mesma casa, Andrea Doria e Sabrina, por intermédio da mãe “cabeça aberta” de Andrea, o que evidencia a confluência de experiências e a abertura para novas configurações afetivas e familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões literárias sempre dialogam e se apropriam de fatos reais através de sua verossimilhança com a realidade. Diante desse contexto, percebe-se que as obras literárias e até as destinadas para o público infantil carregam a sua bagagem ideológica e social. Nesse cerne, o presente trabalho trouxe uma abordagem empírica através de preceitos teóricos e do conto “Sol, Lua e Tália”, de Giambattista Basile.

A literatura infantil, através dos contos de fadas, tem como objetivo envolver seus leitores com um ideário da imaginação infantil critérios de perfeição, beleza e magia em seus enredos. Trazendo à tona estereótipos que ainda se fazem presentes em nossa sociedade, como a da mulher perfeita e submissa. Num discurso que mascara a realidade de sensualidade e exploração, como o trauma de ter sido abandonada pelo pai, o fato de ter sido estuprada, a maternidade precoce, a tentativa de assassinato.

Sendo assim, percebe-se que a personagem principal acaba sendo recompensada com um final feliz, casando-se com o rei e feliz com a sua família. O discurso que se prega na narrativa é que apesar de ter passado por todas as situações descritas na história, nada a impedi

de ser feliz e que o passado ficou para trás, importando, de fato, o desfecho da trama, ou seja, o final feliz.

A presente discussão e conceitos explorados no presente trabalho, nos leva a reflexão de que a Literatura que emociona aos leitores pode esconder a realidade amarga e cruel em diferentes situações, restando apenas a interpretação e análise mais apurada de seu leitor. O que não será visto na visão de uma criança, mas que pode camuflar uma reação esperada diante de uma situação que envolva fatos negativos como o abandono, a exploração e a acusação infundada de delitos. Desencadeando um perfil de submissão e aceitação.

Referências:

- AGAPTO, Leidy Morgana De Sousa. **Isto já não é mais um conto de fadas: estereótipos femininos na literatura infantil**. 2022. 188 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação/CCSO) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-56652005000200004>.
- ARAÚJO, Maria Solange Silva et al. A Bela adormecida e malévola: uma análise de contos de fadas adaptados para o cinema. 2016.(Especialização em estudos literários)
- ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. Edições Melhoramentos; São Paulo, 1968.
- BOLTEN, Vitória Tiggemann. Representações do feminino: a literatura infantil de guerra aos estereótipos de princesas ocidentais clássicas. 2019. (Dissertação)
- CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de intervenção*. São Paulo: **Duas Cidades**; Editora 34,p. 77-92,2002. (Coleção Espírito Crítico).
- CARNEIRO, Gnaína dos Anjos *et al.* A Ressignificação do Feminino na Contemporaneidade Em Barbazul, De Anabella López. **Revista de Letras - Juçara**, [S.L.], v. 5, n. 01, p. 417-430, 30 jul. 2021. Universidade Estadual do Maranhão. <http://dx.doi.org/10.18817/rlj.v5i01.2584>
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos- arquétipos-* 4.ed.- São Paulo:Paulinas, 2012.
- CORDEIRO, Luciana; SOARES, Cassia Baldini. Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. **Boletim do Instituto de Saúde**, v. 20, n. 2, p. 37-43, 2019.
- DE SOUZA, Bruna Cardoso Brasil. De Basile a Disney: uma comparação entre Sol, Lua e Tália e A Bela Adormecida. **Literartes**,n. 2, p. 65-75, 2013.
- EAGLETON, Terry. *Como ler literatura: um convite*. Brasil, L&PM Editores, 2017.

GALLAS, Ana Kelma Cunha *et al.* A construção do feminino na literatura de autoria masculina. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 6, n. 3, p. 16460-16476, 2020. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n3-498>

JACOMEL, M. C. W.; PAGOTO, C. Cultura Patriarcal e Representação da Mulher na Literatura. **Ideação**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 09–23, 2000. DOI: 10.48075/ri.v11i1.4936

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, p. 99-108, 1995.

_____. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 10ª ed, Petrópolis, Vozes, 179 p, 2008.

MARTINS, Heloisa Helena T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, v. 30, p. 289-300, 2004.

NASCIMENTO, Stefany Silva do et al. A Personagem Feminina na Literatura Brasileira Romântica, Realista e Contemporânea. **Claraboia**, Jacarezinho, p. 32-48, jun. 2016.

PETERMANN, Juliana; FUMAGALLI, Desireè Ribas. “Clarice Lispector para meninas e meninos”: as relações de gênero expressas no livro infantil da coleção antiprinças em análise pelo viés tridimensional do discurso. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 1-15, 17 jan. 2019. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/fem.2019.211.08>

SILVA, Leda Cláudia da. Representação feminina na narrativa infanto juvenil brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S.L.], n. 36, p. 77-96, dez. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018366>.